

2

CRIANÇAS DO GUETO

ELIAS KHOURY STELLA MARIS

Tabla

Tradução de Safa Jubran



CLUBE

LIVRO

AUTOR

TRADUTORA

PARA LER

ETC...

o clube

Clube de leitura da Tabla: um clube onde amantes de livros da Ásia Ocidental e do Norte da África se juntam para compartilhar suas leituras.

O Clube é online e gratuito, acontece sempre na última quarta-feira do mês e conta com a presença da equipe da Tabla e convidados especiais para discutir os processos de feitura do livro e os principais temas que atravessam a obra.

Além disso, queremos ouvir de vocês suas opiniões, sentimentos e perspectivas sobre a obra que acabaram de ler. Assim, juntos, podemos expandir nossas impressões e nossos conhecimentos.

No encontro de setembro, vamos conversar sobre a leitura de *Stella Maris*, do autor libanês Elias Khoury.

“[Haifa] afundava e depois flutuava, transformando-se em refúgio para esse jovem cujo único amparo era a sensação de que o que ele vivia era simplesmente a sombra da vida de outra pessoa que, por sua vez, nada mais era que a sombra de uma história sem autor.”

o livro

Stella Maris, segundo volume da trilogia "Crianças do gueto", do autor libanês Elias Khoury, dá continuidade à narrativa iniciada em *Meu nome é Adam* e aprofunda a trajetória de Adam Dannun, primeiro filho do gueto de Lidd e sobrevivente da Nakba.

Neste segundo volume, acompanhamos a juventude de Adam, que busca se reinventar em meio às contradições de ser palestino dentro de Israel. Para conseguir sobreviver em um território onde sua identidade árabe representa um risco constante, Adam assume uma nova persona: muda seu sobrenome e se projeta como um sujeito aparentemente judeu.

Com uma escrita própria dos grandes mestres da literatura, Khoury descreve a trajetória de um personagem que enfrenta o trauma coletivo e as cicatrizes históricas, navegando entre memória e esquecimento, visibilidade e invisibilidade, presença e ausência.

Stella Maris se apresenta como um dos grandes romances contemporâneos sobre a Palestina.

VÍDEO RESENHA DE STELLA MARIS

Confira o vídeo de apresentação do segundo título da trilogia "Crianças do gueto", publicado no Instagram.

RECAPITULANDO *MEU NOME É ADAM*

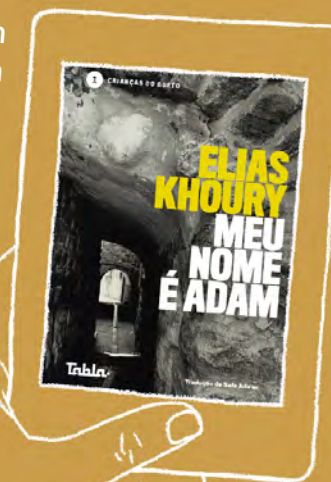
Meu nome é Adam é o primeiro título da trilogia "Crianças do gueto". Através de cadernos que chegam às mãos do autor Elias Khoury, conhecemos a enigmática figura de Adam Dannun, um vendedor de falafel com pretensões literárias e um passado conturbado, marcado pelas transformações políticas que abalaram a Palestina no último século.

Em *Meu nome é Adam* conhecemos a história daqueles 150 mil palestinos que permaneceram nas suas terras após a criação de Israel.

"Sou filho de uma história muda e quero que ela fale pelas minhas mãos."

— trecho de *Meu nome é Adam*

O livro físico esgotou em nosso site, mas você ainda pode adquirir a obra no formato e-book, ou conferir sua disponibilidade na livraria mais próxima a você.



OS PALESTINOS EM ISRAEL

Apesar da ampla campanha que promoveu a limpeza étnica da população árabe da Palestina, cerca de 150 mil palestinos permaneceram no território que, após o armistício de 1949, passou a ser reconhecido internacionalmente como Israel.

Há uma disputa em torno de sua nomenclatura: “cidadãos árabes de Israel”, “palestinos de 48”, “palestinos em Israel”, “árabes israelenses” etc. Cada uma dessas maneiras de nomear esse grupo reflete uma escolha política, que os aproxima ou afasta da comunidade palestina mais ampla — ou seja, a comunidade em diáspora, as comunidades dos territórios ocupados e Gaza.

Para se informar sobre essa nomenclatura, acesse aqui o guia de terminologia do projeto ***Comunicando a Palestina***.

Apesar da cidadania israelense ter sido concedida a grande parte dos palestinos que permaneceram no interior das fronteiras do recém-criado Estado de Israel, estes foram submetidos à lei marcial por quase duas décadas. Até hoje, uma série de leis institucionalizam a marginalização dos cerca de 2 milhões de palestinos no seio da sociedade israelense, relegando-os à categoria de cidadãos de segunda classe.

O Estado israelense buscou promover, através das instituições educacionais, uma identidade “árabe-israelense”, de maneira a dissociar a experiência palestina em Israel daquela da diáspora e dos territórios ocupados. Contudo, a geração nascida em Israel será central na articulação da identidade palestina contemporânea.



Emile Habibi



Annemarie Jacir

Cineastas como Annemarie Jacir, Mohammed Bakri e Elia Suleiman trazem suas experiências enquanto palestinos nascidos em Israel para as telas. No campo literário, destacam-se Mahmud Darwich e Emile Habibi. A família de Darwich faz parte daqueles conhecidos como *mutasallilun*, “infiltrados”. Após um ano de exílio no Líbano, a família cruzou “ilegalmente” a fronteira do novo Estado, passando a viver como “presentes ausentes” — isto é, sem direitos civis e políticos. Tal condição afetou profundamente a produção literária do poeta palestino.

Os palestinos com cidadania israelense experimentam até hoje os dilemas de viverem em um Estado de caráter judaico, cada dia mais radicalizado.



Monte Karmel, Haifa - gravura, 1836

Stella Maris é o nome de um monastério no alto do monte Karmel, consagrado à Virgem Maria — sendo o termo em latim um de seus epítetos — e lar fundacional da ordem monástica dos carmelitas. O local atrai peregrinos de diversos credos, por abrigar a caverna onde o profeta Elias teria desafiado Baal e seus sacerdotes.

“Stella Maris ou Estrela do Mar é a varanda de Deus com vista para a pomba que mergulha na água e que chamamos de Haifa.”

— Trecho de *Stella Maris*

Em *Stella Maris*, o protagonista Adam descobre os sabores da paixão nas imediações da caverna de Elias. O local, no alto do monte Karmel, possui uma vista extasiante da cidade de Haifa e do Mediterrâneo, sendo referido na obra como “a varanda de Deus”.

O uso do epíteto “Estrela do Mar” para se referir à Virgem Maria remonta ao início da Idade Média, originado a partir de dois erros: primeiro, a interpretação por São Jerônimo do nome **Maryam** como significando “gota do mar”, a partir das partículas hebraicas “mar” (gota) e “yam” (mar) — em latim, stilla maris.

Posteriormente, já na Idade Média, monges copistas teriam passado a grafar erroneamente a expressão como stella maris. Sob tal alcunha, a Virgem passou a ser reverenciada como padroeira dos marinheiros.



© Dr. Stéphane René

ALGUMAS OBRAS CITADAS EM *STELLA MARIS*

Na trilogia "Crianças do Gueto", Elias Khoury captura enredos e transforma a história de Adam em um palimpsesto em louvor à literatura palestina. Confira algumas obras citadas em *Stella Maris*:



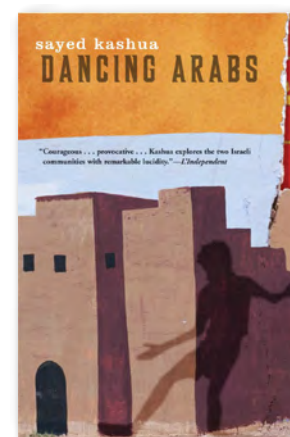
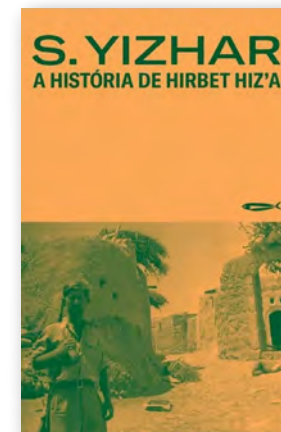
A vida secreta de Said, o pessotimista de Emile Habibi

Imitando intencionalmente o clássico *Cândido*, de Voltaire — outra comédia sombria cujo humor deriva das tragédias da vida —, o romance de Emile Habibi é um clássico da literatura árabe. A história de Said, um palestino que se torna cidadão de Israel, é uma narrativa de fatos e fantasia, tragédia e comédia. Ao mesmo tempo um herói cômico e um tolo sem sorte, sua vida é cheia de terror, agressão, resistência e heroísmo.

Como informante do Estado sionista, a estupidez, a franqueza e a covardia de Saide o tornam mais vítima do que vilão; mas em uma série de episódios tragicômicos, tropeçando de desastre em desastre, ele é lentamente transformado de um colaborador ingênuo em um palestino determinado a sobreviver. O romance, influenciado pela própria experiência do autor na política israelense, é ao mesmo tempo mordaz e engraçado.

Khirbet Hiz'a de Samech Yizhar

Publicado em 1949, poucos meses após o fim da Guerra Árabe-Israelense de 1948, A história de Hirbet Hiz'a narra um único dia em que um pelotão de soldados israelenses invade uma aldeia palestina, expulsa seus habitantes e a reduz a ruínas. O assombro das vítimas, a dor da violência, a negação de suas vozes e a dificuldade em compreender suas próprias ações confrontam o narrador com um dilema moral: a tomada de consciência de que agora são eles próprios, os israelenses, algozes de uma diáspora. Mais do que um registro em primeira pessoa, o livro é a reelaboração interna de um soldado que cumpre ordens que condena.



Árabes dançantes de Sayed Kashua

É o aclamado romance de estreia do escritor palestino, nascido em Israel, Sayed Kashua, publicado em 2002. A obra semi-autobiográfica retrata um jovem cidadão árabe de Israel que ganha uma bolsa de estudos em um internato judeu de elite e tenta desesperadamente se integrar à sociedade israelense, ficando preso entre dois mundos e sem

pertencer a nenhum deles. O livro foi adaptado em 2015 no filme *Identidade emprestada*, de Eran Riklis.

o autor

Elias Khoury nasceu em Beirute, no Líbano, em 12 de julho de 1948. Desde muito jovem, demonstrou interesse pela literatura e pelos temas políticos. Em 1967, juntou-se ao movimento Fatah, braço armado da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), experiência que marcaria profundamente sua trajetória intelectual e consolidaria seu compromisso com a causa palestina; como intelectual público e engajado, Khoury sempre vinculou a luta pela libertação da Palestina à luta contra toda forma de tirania. Formou-se em História pela Universidade Libanesa e obteve o doutorado em Sociologia pela Universidade de Paris, onde foi aluno do sociólogo Alain Touraine.

Durante a Guerra Civil Libanesa (1975–1990), Khoury tornou-se membro do Movimento Nacional Libanês, uma coalizão de partidos de esquerda e pan-árabes que buscava transformar a estrutura política e social do país. Paralelamente à sua atuação política, Khoury desempenhou um papel central no cenário cultural árabe contemporâneo, estabelecendo-se como intelectual engajado nas questões regionais. Foi editor do suplemento cultural *Al-Mulhaq* do jornal libanês *An-Nahar* — sob sua direção, o suplemento transformou-se em um espaço de liberdade de expressão para opositores e dissidentes políticos da região. —, membro do comitê editorial da revista *Mawaqif*, ao lado de Adonis e Mahmud Darwich, e editor-chefe de *Chu'un Filastiniyyah*, publicação do Centro de Pesquisas da OLP, onde voltou a colaborar com Darwich.

Sua atuação no Théâtre de Beyrouth também foi marcante, unindo atividades culturais e políticas em defesa da liberdade de expressão, da democracia e de reformas sociais no Líbano.



© Ulf Andersen

Além de escritor e ativista, Khoury foi também professor em universidades de prestígio, como a Universidade Americana de Beirute (AUB), a Universidade de Columbia e a Universidade de Nova York (NYU). Entre suas principais obras estão *Porta do Sol* (Record, 2008), *Yalo* (Record, 2012), *Meu nome é Adam* (Tabla, 2022) e *Stella Maris* — todas traduzidas por Safa Jubran —, entre outros romances que consolidaram seu nome como um dos grandes autores da literatura árabe contemporânea.

Elias Khoury faleceu em 15 de setembro de 2024, deixando um legado literário e político de imensa relevância. Sua obra é atravessada por temas como a memória coletiva, os grandes acontecimentos históricos e as subjetividades que os constroem, a complexidade das relações humanas e o exílio. Com uma narrativa onírica, permeada por referências à tradição poética árabe, Khoury buscava, em suas próprias palavras, “fazer da história a História dos vencidos, que os historiadores não têm coragem de escrever”.



Mahmud Darwich e Elias Khoury



A tradutora Safa Jubran ao lado de Elias Khoury

Elias com a edição
brasileira de *Meu
nome é Adam*



Elias Khoury ao lado da editora Laura Di Pietro
e Aycha Sleiman

a tradutora

Safa nasceu em Marjeyoun, no Líbano, em 1962, chegando ao Brasil em 1982. É professora livre docente na Universidade de São Paulo, onde leciona língua e literatura árabes desde 1992. Além de *Stella Maris*, Safa traduziu para a Tabla:

- *Uma girafa insone em Damasco*, Khalil Alrez (2026)
- *Casa da sabedoria*, Bodour Alqasimi (2026)
- *Capital Mundial do Livro*, Bodour Alqasimi (2025)
- *Diário da tristeza comum*, Mahmud Darwich (2024)
- *Biografia de um olho*, Ibrahim Nasrallah (2024)
- *Homens ao sol*, Ghassan Kanafani (2023)
- *A queda do imã*, Nawal El-Saadawi (2023)
- *A família que devorou seus homens*, Dima Wannus (2023)
- *Meu nome é Adam*, Elias Khoury (2022)
- *Gaza, terra da poesia* (2022)
- *Memória para o esquecimento*, Mahmud Darwich (2021)
- *O arador das águas*, Hoda Barakat (2021)
- *Correio noturno*, Hoda Barakat (2020)

Para editoras árabes, Safa Jubran traduziu diversas obras de autores brasileiros, entre elas:

- *Perto do coração selvagem*, Clarice Lispector
- *Água viva*, Clarice Lispector
- *Dois irmãos*, Milton Hatoum
- *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, Martha Batalha



para ler

Para mergulhar mais fundo no universo de *Stella Maris*, separamos aqui alguns textos que podem auxiliar na leitura.

Você pode clicar no **LEIA AQUI** para conferir o texto completo.

Haifa, entre o passado e o futuro: uma breve história da cidade palestina por Arturo Hartmann

O internacionalista Arturo Hartmann faz um panorama histórico da cidade de Haifa, que, mais do que mero palco para os acontecimentos de *Stella Maris*, é uma das protagonistas da obra.

“Haifa, cidade no noroeste da Palestina histórica, incrustada em montes que cortam a paisagem do horizonte mediterrâneo, tem uma beleza que bate como um alento para quem percorre as barreiras e violências espalhadas no território do confronto colonial Palestina/Israel. Mas, ao nos aproximarmos pelo sul, Haifa tem na sua estrutura urbana as feridas do passado trágico e as possibilidades futuras palestinas.”

leia aqui

Lidd e Arramle: a expulsão dos árabes da Palestina no verão de 1948 por Aycha Sleiman

Aycha Sleiman expõe o processo de limpeza étnica cometido pelas milícias sionistas contra os habitantes palestinos das cidades de Lidd e Arramle. Adam Dannun, protagonista de *Stella Maris*, cresce no gueto de Lidd, onde os palestinos que permaneceram na cidade foram confinados após a criação do Estado de Israel.

leia aqui

Vozes palestinas da memória por Milton Hatoum

Texto do escritor Milton Hatoum sobre *Meu nome é Adam* publicado originalmente na revista Quatro cinco um.

“Essa é uma das ambiguidades deste romance monumental, em que a fábula se mistura com a História, a imaginação com a memória, a vida particular dos personagens com a tragédia de todo um povo.”

leia aqui

etc...



Elyanna

Nascida em 2002 em Nazaré, na Galileia, Elyanna é um dos nomes de maior destaque do pop árabe. Suas canções fundem ritmos tradicionais árabes com batidas latinas, jazz e R&B, e abordam temas como identidade e resistência cultural.

Em 2023, Elyanna fez história ao se tornar a primeira artista a realizar uma apresentação inteiramente em língua árabe no famoso festival norte-americano Coachella. Em 2026, participou da cerimônia de abertura da Copa do Mundo, em Toronto.

Vale a pena escutar:



Ganeni



Sokkar



**Tamally
Maak**

↙
sua versão da canção do famoso
cantor egípcio Amr Diab!



← clique no livro
e saiba mais

O Livro do Desaparecimento de Ibtisam Azem

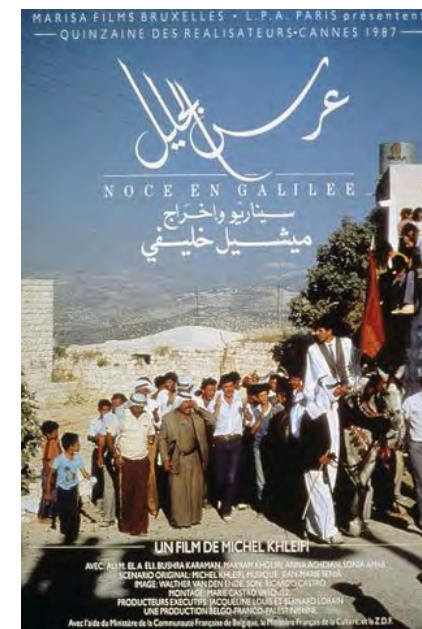
E se, de um dia para o outro, toda a população palestina desaparecesse da Palestina histórica sem deixar rastros?

Em O Livro do Desaparecimento, a autora palestina Ibtisam Azem imagina esse acontecimento extraordinário e suas consequências. O país mergulha em perplexidade e caos, enquanto diferentes narrativas tentam dar sentido ao inexplicável.

Entre os cadernos de Alaa, um palestino de Yafa que registra memórias de sua avó e as dores da herança da Nakba, e a investigação conduzida por Ariel, seu vizinho israelense, a trama é construída como um diálogo tenso entre presença e ausência, lembrança e apagamento. O Livro do Desaparecimento é uma obra indispensável para compreender as dinâmicas de poder, memória e identidade na Palestina atual.

Núpcias na Galileia de Michel Khleifi

O filme se passa em uma aldeia palestina da Galileia. Abu Adel, deseja celebrar o casamento de seu filho com uma festa tradicional, mas o toque de recolher imposto pelos militares israelenses dificulta a cerimônia, levando-o a pedir permissão ao governador, que aceita com a condição de participar.





Wajib de Annemarie Jacir

Neste road movie, um pai e seu filho viajam durante os preparativos de um casamento nos dias que antecedem o Natal em Nazaré. A jornada revela sua relação, bem como aspectos da vida cotidiana na região. O deslocamento funciona como fio condutor para explorar tensões familiares e sociais, combinando humor e sensibilidade.



O que resta do tempo de Elia Suleiman

Filme semibiográfico que acompanha a vida palestina de 1948 até hoje por meio da história da família do diretor Elia Suleiman. Dividido em quatro episódios, retrata seu pai como resistente em 1948, as dificuldades sob o domínio militar israelense nos anos 1960 e as vivências do próprio Elia na adolescência e na vida adulta. Com humor e toques de surrealismo, o filme expõe o cotidiano, as absurdidades e as humilhações enfrentadas pelos palestinos vivendo como minoria em sua própria terra.

PRÓXIMO ENCONTRO

Em outubro, conversaremos sobre
E quem é Meryl Streep?, de Rachid Al-Daif.

O encontro acontecerá
no dia 29/10, às 19h30.



© Equipe Tabla, 2026
28ª edição do Clube de leitura da Tabla

Tabla.

2026

Todos os direitos desta edição
reservados à
Editora Roça Nova Ltda (Tabla).
editora@editoratabla.com.br
www.editoratabla.com.br